

Canções do Cotidiano Como Contexto Singnificativo Para o Aprendizado Coletivo de Flauta-Doce

Katia Benedetti

Resumo: O presente texto apresenta um relato de experiência sobre a implantação e desenvolvimento do projeto de educação musical "música, doce música", da Secretaria Municipal de Educação do município de Itatiba. Nesse projeto, o ensino da flauta-doce ocorre dentro do contexto das canções cantadas pelas crianças em seu cotidiano. No âmbito pedagógico, a observação do desenvolvimento desse projeto sugere os benefícios de, pelo menos, dois procedimentos já amplamente recomendados pelos estudiosos da área de educação musical: conferir significado e "musicalidade" à prática musical dos alunos, de maneira que a reconheçam como "música" e não apenas como parte de um processo de treinamento técnico; Usar a prática musical coletiva e imediata como recurso do processo de aprendizagem musical, principalmente quando esse processo ocorre em ambientes comunitários, heterogêneos e inclusivos, nos quais a música é também abordada em suas dimensões social e educativa, além de sua dimensão artística.

Palavras-chave: Prática musical coletiva, música do cotidiano, projetos socioculturais.

Abstract: This text presents a experience of life report about implement and development of the music education project "música, doce música", supported by the Secretaria Municipal de Educação of Itatiba county. In this project, the recorder teaching happens inside the context of the music songs that the children sings in their everydaylife. Relating to the pedagogic point of view, the observation about the development of this project suggests the benefits of, at least, two procedures already recommended by the music educations professionals: the value of to offer meaning and musicality to the children music practice, for they can recognize it as "music" and not only as a training component of the learning music process; The use of collective and immediately musical practice like a instrument of the pedagogic process, mainly when this process happens in community and included environments, where the music must be approached in its many dimensions: social, artistic, educational.

Keywords: Collective music practice, everydaylife music, social and cultural projects.

Introdução

Este trabalho apresenta um relato sobre a implantação e desenvolvimento de um projeto de educação musical mantido pela Secretaria Municipal de Educação de Itatiba, interior de São Paulo: o "Música, Doce Música", que iniciou suas atividades em abril de 2009, atendendo a crianças e jovens entre 5 e 16 anos de idade, de todas as escolas do município, tanto públicas como privadas. Como todo projeto sociocultural, sua manutenção oferece muitos desafios, principalmente no que se refere à heterogeneidade do público envolvido e à diversidade de práticas, preferências, expectativas, habilidades e conhecimentos musicais dos alunos. Tal heterogeneidade tem um impacto direto sobre as práticas pedagógicas em sala de aula. Por sua vez, esta última constitui, por excelência, o espaço social de concretização dos objetivos do projeto. E o primeiro e mais importante deles é oferecer um espaço de educação musical básica, que seja acessível e inclusivo. E, justamente por pretender ser acessível e inclusivo, esse espaço deve ser, também, motivador e musicalmente significativo para os alunos.

Dessa forma, diante da ampla faixa etária e da diversidade de perfis dos alunos e turmas, alguns questionamentos surgiram no decorrer do desenvolvimento do projeto: qual o lugar que a música e as práticas musicais¹ ocupam na vida cotidiana das crianças e jovens de hoje? Qual o sentido da música para eles? O que é? Para que serve? Como considerar a bagagem musical cotidiana que os alunos trazem para o projeto? Quais devem ser os objetivos pedagógicos da Educação Musical quando inserida num projeto sociocultural?

Por se tratar de um projeto extracurricular, isto é, que ocorre no contra-turno do período regular das aulas escolares, a adesão e a permanência dos alunos devem ser constantemente conquistadas. Assim, em sala de aula, foi possível perceber a necessidade de se criar e manter um vínculo entre os alunos e o fazer musical ali realizado. Além disso, foi imperativo que os alunos de diferentes faixas etárias pudessem fazer música juntos, sem muitos conflitos, uma vez que, em virtude da pouca disponibilidade de horários, todas as turmas são mistas, com alunos entre 6 e 16 anos. A maioria das turmas abriga, portanto, alunos que cursam diferentes séries do ensino fundamental e que apresentam características de maturidade e de desenvolvimento completamente diversas.

¹ Entende-se aqui como "práticas musicais" todas as ações humanas relacionadas com a produção, execução, divulgação e recepção de música.

No entanto, apesar da heterogeneidade de perfis e da ampla faixa etária, as referências musicais dos alunos são muito semelhantes, homogêneas até, pois que configuradas pelos padrões midiáticos e pelas novas tecnologias digitais. Tanto crianças de 6 anos, como pré-adolescentes de 10-12, ou jovens de 14-16 anos, compartilham os mesmos gostos, hábitos de escuta, repertório de estilos e práticas, tais como "baixar" músicas no celular ou no PC. Quando há diferenças, estas se dão mais por questão de gênero, pois meninas e meninos costumam diferir em alguns aspectos de gosto, repertório e preferências sobre estilos musicais (como esclarece os trabalhos de Silva, 2004 & 2008). Por exemplo: músicas que são temas de filmes, novelas e seriados de TV são, via de regra, apreciadas tanto por meninas, quanto por meninos, de todas as idades, e geralmente constituem um bom material de início para o processo de aprendizado. Já as músicas e práticas musicais (danças) relacionadas a artistas e grupos do universo musical "do estrelato" implicam respostas músico-emocionais diversas em meninos e meninas. Enquanto as meninas preferem grupos musicais e cantores de apelo mais "romântico"², além dos estilos sertanejo, pop-rock e pagode, os meninos, independentemente da idade, mostram-se mais interessados em repertórios e grupos ligados ao rap, funk, heavy metal e a cantoras cuja imagem artística possui um apelo mais sensual. As práticas musicais realizadas no ambiente religioso também possuem um impacto decisivo na formação musical espontânea de crianças e jovens atualmente. Muitos alunos, inclusive, procuram pelo projeto porque desejam aprender a cantar e a tocar um instrumento musical em suas igrejas, ou ainda como o início do aprendizado musical que os preparará para ingressar nas aulas de música de suas igrejas. Assim, o repertório musical dos alunos também é fortemente configurado pelo universo musical midiático (SUBTIL, 2006) que, atualmente, tanto igrejas católicas, quanto evangélicas exploram (por exemplo: Pe Marcelo, Pe Fábio de Melo; cantores gospel, como Aline Barros, Jamily, dentre outros).

Dessa forma, como tanto se tem ressaltado em diversos trabalhos na área de Educação Musical (PENNA, 1990; GREEN, 1997; NOGUEIRA, 1998; SOUZA, 2000; CAMPOS, 2000; MOURA, 2004), o caminho que se mostrou possível para a solução dos desafios de, primeiro, motivar os alunos

² Alguns exemplos são: o cantor Daniel (sertanejo-romântico), o grupo Restart (pop-rock), Justin Bieber (pop-rock), Luan Santana (pop-romântico). Os meninos tendem a rejeitar essas músicas e seus intérpretes, considerados por eles como músicas e cantores "de menina".

e, segundo, faze-los tocar juntos, apesar das diferenças de desenvolvimento e faixa etária, foi fazer das canções cotidianas suas conhecidas (e também de seus pais e familiares³), o material básico de trabalho das aulas. Constatou-se que, para levar os alunos a se sentir realmente fazendo música não bastava apresentar um repertório qualquer, desconhecido, ou atividades musicais que não estivessem, de alguma forma, relacionadas ao que os eles entendiam por música. Foi preciso não só considerar o que a bagagem de conhecimento e experiências musicais cotidianas dos alunos, como criar uma ponte entre elas e o fazer musical do projeto (aprender a tocar um instrumento musical).

Contudo, cabe ressaltar aqui que, embora a seleção do repertório inicial se baseie em peças do cotidiano musical alunos, alguns critérios devem sempre ser mantidos para garantir o mínimo de qualidade nesse processo. O bom senso do professor ao fazer as escolhas das músicas é fundamental para se evitar músicas com expressões chulas, com letras de apelo sexual explícito, preconceituoso ou pejorativo. Enquanto a simplicidade harmônica e melódica pode ser um aspecto positivo para o trabalho inicial, a redundância, a repetição exaustiva de células rítmico-melódicas ou de palavras/expressões pode constituir uma limitação à qualidade do aprendizado.

Desenvolvimento

Como descrito anteriormente, o "Música, Doce Música" tem como objetivo principal oferecer um espaço de educação musical básica na rede municipal de ensino público. As aulas acontecem uma vez por semana, têm duração de 1h20 e são realizadas no período contrário ao das aulas regulares. Além das aulas semanais, os alunos fazem um ensaio geral aos sábados, no qual as diversas turmas se reúnem, formando um único grupo. A

³ No decorrer do trabalho foi possível constatar que o reconhecimento das canções também pelos pais e familiares constitui outro fator de motivação e incentivo para os alunos. Não raro muitos pais acabam por estimular seus filhos a estudar e a participar das apresentações porque se sentem orgulhosos de ver seus filhos tocando as músicas que eles próprios apreciam. Por outro lado, é muito comum o surgimento de conflitos em relação ao repertório quando este apresenta algum tipo de conotação religiosa ou mítica. Muitos pais, devido a suas crenças, não apreciam determinados tipos de música ou canções que mencionam elementos que são condenados por seus preceitos religiosos, como, por exemplo, elementos de lendas folclóricas.

intenção é formar e manter um grupo musical infanto-juvenil de flautas-doce na cidade.

As crianças e jovens chegam ao projeto ansiosos por aprender logo a tocar porque desejam, antes de mais nada, fazer música. Contudo, suas expectativas sobre 'o que' e 'como' tocar são bastante diferenciadas do que o processo de aprendizado pode oferecer inicialmente. Suas expectativas são, via de regra, configuradas pelos padrões midiáticos e muito distantes do fazer musical imediato e possível da sala de aula. Os alunos geralmente querem "tocar aquela música da novela", do filme, do seriado da TV. Mas o domínio do instrumento leva algum tempo...

Então, uma das maneiras encontradas para resolver esse problema foi buscar, no repertório dos alunos, canções por eles apreciadas e que pudessem servir como contexto significativo para o início do aprendizado. Essas canções deveriam estar em tonalidades adequadas tanto para a voz, quanto para a flauta. Por meio de pequenos arranjos, as canções do cotidiano tornaram-se a base do repertório trabalhado, permitindo uma execução adequada por parte dos alunos, sem descaracterizar as músicas.

No ano de 2009, para iniciar o aprendizado das duas primeiras notas da flauta-doce, o si⁴ e o lá⁴, a canção utilizada foi "Deus e eu no sertão", da dupla sertaneja Victor e Leo e que, há poucos meses, havia sido tema de uma novela. A tonalidade utilizada foi a de ré maior que, em sua harmonia básica, possui acordes que contém as notas si e lá. Sobre a base melódico-harmônica do piano/teclado, que tocava a introdução original da música, os alunos tocavam um pedal com essas duas notas, para, depois, cantar a canção. Ao mesmo tempo, as características da música foram estudadas (instrumentação, forma, qualidade da performance dos músicos e do intérprete, além de características intrínsecas como melodia, fraseado, harmonia e ritmo, que os alunos chamam de "batida" ou "levada"), de maneira a chamar a atenção dos alunos para maneiras mais atentas e conscientes de audição.

Flautas - alunos

Teclado/professor

Assim, tocando e cantando, os alunos sentem-se fazendo música. Outra peça utilizada para o aprendizado da primeira nota (si4) neste ano de 2011 foi a canção folclórica Samba Lelê. Nela, os alunos fizeram uma resposta à primeira frase musical, tocada pelo teclado:

Flautas

Teclado

Dessa forma, as canções conhecidas e apreciadas pelos alunos servem como contexto para o aprendizado da flauta-doce, conferindo-lhe um sentido musical que geralmente não é vislumbrado quando o repertório inicial contém apenas estudos que repetem notas a esmo ou peças desconhecidas. Cantar e tocar "aquela música" torna-se um elemento motivador e integrador entre os alunos e o seu fazer musical. Portanto, no "Música, Doce Música" os alunos cantam muito enquanto aprendem a tocar seu instrumento.

Os trechos melódicos iniciais, geralmente em forma de pedal, permitem que todos os alunos, inclusive os mais novos, possam tocar juntos, participando ativamente da execução das músicas do repertório, como na canção "Fico assim sem você" (Bochecha):

Flautas-alunos

Teclado - professor

Coro

A - vi - ão sem a - sa fô - guei - ra sem bra - sa sou eu as - sim sem vo - cê ...

Assim, as peças iniciais utilizadas no decorrer desses três anos apresentaram tonalidades confortáveis para a voz ao mesmo tempo em que permitiram o uso, na harmonia principal (G, Em, D, C, Bm), das primeiras notas aprendidas na flauta (sol4, la4, si4 do5 e re5, tocadas com a mão esquerda).

Contudo, não só é importante que as notas iniciais estejam dentro do contexto significativo das canções, como também é imprescindível que haja algum tipo de acompanhamento melódico-harmônico (piano/teclado, violão) e/ou rítmico (percussão/bateria). O acompanhamento serve como elemento contextualizador e, portanto, motivador. Sem ele é mais difícil tornar o início do aprendizado mais musical, pois esse é um momento em que a maioria dos alunos não tem uma boa emissão sonora, frequentemente desarticulada e desafinada... O acompanhamento serve como a referência básica de afinação e senso rítmico, além de levar os alunos a se sentir tocando de verdade, dentro de um grupo. Ele permite que os alunos iniciantes sintam a música e possam articular-se nela e com ela, a seu modo. O acompanhamento confere uma coerência musical que, no início do aprendizado, é difícil de ser conseguida no ensino coletivo. Contudo, após os primeiros meses, o ideal é que os alunos consigam, por si mesmos, uma sonoridade limpa e afinada, tornando facultativo o acompanhamento do teclado ou do violão.

Esse processo de incluir, em forma de pedal, as notas iniciais da flauta - e, depois, pequenas melodias com tais notas - sobre o acompanhamento

melódico-harmônico do piano é utilizado até que os alunos dominem por completo a emissão da primeira oitava de notas do instrumento. Essa fase inicial dura, em média, de três a quatro meses. Nessa fase os alunos - mais do que tocando - estão cantando as suas músicas.

Com o passar das semanas e a partir do domínio da execução das primeiras notas, as músicas do repertório passam a incluir trechos melódicos (como introdução e/ou interlúdios) cada vez maiores e complexos, até que os alunos possam tocar melodias completas. Os alunos mais velhos ou cujo desenvolvimento segue mais rápido são, então, organizados em grupos que passam a fazer melodias mais elaboradas, iniciando-se, assim, um trabalho a duas ou três vozes. Por exemplo, na música "Areia", de Selma do Coco, os alunos iniciantes realizam, na introdução, um trecho de duas notas (si⁴ e la⁴), enquanto que os demais fazem a melodia do canto e do contracanto:

Outro ponto a destacar é que, no "Música, Doce Música", o ensino inicial da flauta-doce acontece, além de inteiramente alicerçado na prática musical coletiva e imediata, apoiado nas referências auditivas, mais que nas referências da leitura e escrita musicais. Embora os principais conceitos a respeito do som (intensidade, altura, timbre, duração) e da música (melodia, fraseado, forma, harmonia, ritmo) sejam abordados simultaneamente à prática musical, o foco sempre é o fazer musical imediato e coletivo, isto é, o aluno deve se sentir tocando, fazendo música, e não apenas estudando ou treinando um instrumento musical. Dessa forma, a audição, a observação, a repetição e a imitação são os recursos pedagógicos mais utilizados, tal como acontece na imersão musical dos processos cotidianos ou espontâneos de

aprendizagem de música⁴. Contudo, depois dos seis meses iniciais, os alunos que adquirem certo domínio técnico do instrumento passam a ter contato com a leitura musical convencional aliada à prática musical imediata.

No que se refere à história do projeto, a partir do seu primeiro semestre, a heterogeneidade referente à ampla faixa etária dos alunos, somou-se à heterogeneidade relacionada às diferenças de desempenho e aprendizado musicais. No geral, alunos maiores aprendem mais rápido, embora o contrário também possa acontecer: alunos com menor idade cronológica se desenvolverem mais rápido que os mais velhos, dependendo muito do seu nível de atenção, de motivação ou mesmo de coordenação motora e musicalidade. Assim, a reorganização das turmas, conforme os diferentes níveis de desempenho, ainda constitui um grande desafio a ser vencido constantemente, uma vez que todos os alunos fazem parte de um mesmo grupo musical.

Dessa forma, a necessidade de novos arranjos para as mesmas músicas é constante, de maneira a permitir que todos possam tocar o mesmo repertório, cada qual dentro de suas possibilidades. Novamente, aqui os pequenos arranjos sobre as canções do cotidiano servem para evitar a exclusão e garantir a participação de todos, independente do seu nível de desempenho: quem alcança uma boa emissão sonora, com digitação mais ágil e melhor articulação e afinação, toca trechos mais elaborados e, não raro, a melodia completa. Os iniciantes, os muito pequenos (de 5 a 7 anos) e não tão bem preparados permanecem tocando os pedais ou vozes mais simples.

Esse recurso tem se mostrado, também, um elemento motivador e propulsor do aprendizado dos alunos mais jovens do projeto, pois, ao ver os veteranos tocando determinadas músicas, desejam tocá-las também, dedicando-se mais. Dessa forma, se, por um lado, manter um grupo heterogêneo possui desvantagens de diversos tipos (e a primeira das desvantagens é o comprometimento do desempenho musical do grupo em diversos aspectos), por outro, existem vantagens, sendo, uma delas, a inclusão e o aprendizado dos mais jovens por imersão (Dutra de Oliveira, 2010; Oliveira, 2010).

Contudo, nem tudo são flores. Como todo projeto sociocultural, o Música, Doce Música enfrenta muitas dificuldades. A maior parte delas transcende o âmbito pedagógico e se relaciona principalmente às questões interpessoais e às expectativas de alunos e pais em relação ao projeto e às apresentações musicais. Por isso, planejamento e avaliação constantes são

4 Rios, 1995; Arroyo, 1998; Ramalho, 1999; Ramos & Marino, 2002; Rosa, 2002; Souza et al., 2002; Pinto, 2002; Mendes, 2004; Marques & Montandon, 2006; Oliveira, 2009; Dutra de Oliveira, 2010; Santos, 2011.

fundamentais, além de investimentos em infraestrutura e em recursos humanos.

A partir de abril de 2010, o projeto incluiu o ensino das flautas contralto e tenor, ampliando suas possibilidades musicais. Essa nova fase de trabalho tem apresentado desafios complexos que, como dito anteriormente, transcenderam a sala de aula, porque relacionados ao imaginário dos alunos e pais, às suas representações sobre o "valor musical" dos diferentes tipos de instrumentos musicais. Expectativas e frustrações referentes à prática musical pessoal de cada aluno somam-se a conflitos relacionados aos relacionamentos internos do grupo e da prática musical coletiva. Entretanto, a discussão desses novos desafios não cabe neste trabalho, ficando, quiçá, para trabalhos futuros.

Conclusão

Promover a aproximação entre o fazer musical da sala de aula e o repertório cotidiano dos alunos foi uma estratégia positiva para garantir um processo efetivo de aprendizagem musical dentro do Projeto Música, Doce Música. Embora tal estratégia, a princípio, se aproxime dos processos informais de ensino-aprendizagem musical e se distancie dos do ensino formal (que se concentram principalmente no aprendizado da leitura e escrita e no treinamento técnico nem sempre relacionado a uma prática musical significativa ou a uma *situação sócio-cultural de performance*⁵), ela acaba, por fim, conduzindo a maior parte dos alunos - desde que permaneçam no projeto por um período de tempo suficiente - aos mesmos resultados: inserção da prática musical em suas vidas, domínio técnico de um instrumento musical, aprendizado de leitura e escrita musicais. E o mais importante e motivador é constatar que, a despeito das falhas e limitações que o processo de ensino-aprendizagem musical pode apresentar quando realizado por meio de projetos socioculturais, é inegável que tem o poder de transformar definitivamente a relação das crianças e jovens com a música, de uma maneira extremamente positiva. De fato, parece que a grande maioria dos alunos

5 O carnaval e o contexto dos grandes desfiles constituem uma situação sócio-cultural de performance que influencia o processo de aprendizagem, por exemplo, dos instrumentos de percussão que ocorre nas baterias das escolas de samba. A respeito das *situações sócio-culturais de performance*, ver Benedetti, K. S. O Processo de Socialização Musical Primária: Aprendizagens e Conhecimentos Musicais do Cotidiano e a Educação Musical Formal - Uma Abordagem Sócio-Histórica. Dissertação de Mestrado. SP: Instituto de Artes da UNESP, 2009.

que participam de tais projetos descobre a alegria da prática musical coletiva. Outros, em menor número, decidem por incluir para sempre essa prática em suas vidas.

Portanto, enquanto projeto sociocultural cujo objetivo é oferecer um espaço acessível e inclusivo de educação musical, o Música, Doce Música, procura, antes de mais nada, levar os alunos a superar as dificuldades iniciais do domínio técnico do instrumento, por meio de uma prática musical significativa, que não envolva somente a repetição de exercícios técnicos descontextualizados e não-musicais. Para seus alunos, é importante que o estudo da flauta-doce aconteça dentro de um repertório conhecido, motivador, além de acessível a todos. E, quanto mais os alunos dominam o instrumento, quanto mais possibilidades de execução musical eles adquirem, mais se tornam abertos e receptivos para executar (e ouvir) músicas diferentes das de seu repertório cotidiano. Quanto mais o aprendizado musical se consolida, mais os alunos vão desejando outras músicas, outros sons. Parece que a música atrai a música... É claro que isso não ocorre com 100% dos alunos, mas, certamente, com a grande maioria deles. Não é raro que muitos decidam ampliar seus conhecimentos musicais, procurando pelo aprendizado de outros instrumentos, como violão, teclado, clarinete, flauta transversal. Esse tipo de interesse pelo desenvolvimento musical é relatado por vários trabalhos na área, reforçando a idéia de que as práticas musicais sistemáticas, quando promovidas por meio de projetos socioculturais, mesmo que sejam mais próximas dos processos não-formais de aprendizagem musical, têm o poder de transformar e ampliar as referências musicais dos envolvidos, bem como suas formas cotidianas de escuta e de relacionamento com a música⁶.

Referências

- ARROYO, Margarete. Situações e Processos de Ensino e Aprendizagem em Música no Cenário de Uma Festa do Congado: um Olhar Diferenciado a partir de Uma Experiência Etnográfica. Anais do XI Encontro Nacional da ANPPOM 1998. Campinas-SP, agosto/1998, p. 185-190.
- BERTUNES, Carina da Silva & FIGUEIREDO, Eliane Leão. A Influência das Bandas na Formação Musical. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. CD-Rom. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004, p. 151-157.

⁶ Jolly et all, 2002; Bréscia, 2003; Bertunes & Figueiredo, 2004; Bündchen & Specht, 2004; Ciarlo, 2004; Passos et all, 2004; Vieira & Leão, 2004; Costa, 2008; Pessoa, 2008.

- BRÉSCIA, Vera L. P. Educação Musical: Bases Psicológicas e Ação Preventiva. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.
- BÜNDCHEN, Denise Sant'Anna & SPECHT, Ana Cláudia. Meninas Arte em Canto: Corpo e Voz no Fazer Musical. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. CD-Rom. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004, p. 297-302.
- CAMPOS, Moema C. A Educação Musical e o Novo Paradigma. RJ: Enelivros, 2000.
- CIARLO, Alexander. A Formação e a Transformação de Cidadãos Por Meio do Ensino Coletivo de Instrumentos Através da Iniciação Instrumental de Cordas. Anais do XIII Encontro anual da ABEM. CD-Rom. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004, p. 9-16.
- COSTA, Patrícia S. S. Coro Juvenil: Um Espaço a Ser Descoberto Pelo Jovem. Anais do XVII Encontro Nacional da ABEM: Diversidade Musical e Compromisso Social. O Papel da Educação Musical. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP-Ipiranga, 08 a 11 de outubro de 2008. CD-Rom.
- DUTRA DE OLIVEIRA, Pedro A. O Ensino Coletivo de Instrumento Musical: Explorando a Heterogeneidade Entre Alunos de uma Mesma Turma. Revista Espaço Intermediário. SP: AAPG, v. I, n. II, p. 19-30, novembro/2010.
- GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. Revista da ABEM, Bahia, n. 4, 1997, p. 25-35. Tradução de Oscar Dourado.
- HARGREAVES, David J. "Within You Without You": Música, Aprendizagem e Identidade. Revista Eletrônica de Musicologia. Vol. IX. Outubro de 2005. Disponível em: < <http://www.rem.ufpr.br/REMV9-1/hargreaves.html>>. Acesso em: 27 out. 2007.
- HENTSCHKE, Liane. Educação Musical e a Música de Massa. Revista da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. UFBA/CNPq, dez/95, pp. 129-132.
- JOLY, Ilza Z. L. et all. Formação de Orquestras Com Crianças de Classes Populares: Uma Proposta Para Constituição da Cidadania. Anais do XI Encontro Anual da ABEM, 08 a 11 de outubro de 2002, Natal, Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. CCHLA - DEART - Escola de Música. CD-ROM, p. 264-271.
- MARQUES, Alice & MONTANDON, Maria I. Processos de Aprendizagens Musicais Paralelos à Aula de Instrumento: Quatro Estudos de Caso. Anais do XVI Congresso da ANPOMM 2006. Brasília, 2006, p. 124-125. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/01_Com_EdMus/sessoes_COM_edumusical.htm>. Acesso em: 13 jun. 2008.

- MENDES, Jean-Joubert F. "Escuta o Tum e Faz Tum Tum": A Aprendizagem Musical/Cultural na Formação Identitária em um Terno de Congado de Montes Claros - MG. ICTUS - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, n. 05, dezembro/2004. Disponível em: <<http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/issue/view/6>> Acesso em: 02 set. 2008.
- MOURA, Risaelma de Jesus A. Educação Musical e Cultura: Perspectivas Para o Ensino da Música na Contemporaneidade. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004. CD-Rom. p. 932-939.
- NOGUEIRA, Mônica A. Música, Consumo e Escola: Encontros Possíveis e Necessários. Anais da 21ª Reunião da ANPED, 1998. Caxambu: Minas Gerais, Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, 1998.
- OLIVEIRA, Alda. Possibilidades para o Desenvolvimento Musical de Crianças e Adolescentes em Projetos Socioculturais. Revista Espaço Intermediário. SP: AAPG, v. I, n. II, p. 44-60, novembro/2010.
- PASSOS, Cláudia; BEINEKE, Viviane; PONTES, Vânia Eger. Abrir Portas e Musicar: Uma Reflexão Sobre a Oficina de Iniciação Musical do NEM. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. CD-Rom. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004, p. 203-207.
- PENNA, Maura. Reavaliações e Buscas em Educação Musical. SP: Edições Loyola, 1990.
- PESSOA, Felipe Ferreira de P. O Estranho e o Familiar na Sala de aula: a Música no PAS/UnB: Relato de Experiência. Anais do XVII Encontro Nacional da ABEM: Diversidade Musical e Compromisso Social. O Papel da Educação Musical. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP-Ipiranga, 08 a 11 de outubro de 2008. CD-Rom.
- PINTO, Mércia V. Saberes e Competências: Mundos antagônicos da Academia? Anais do XI Encontro Anual da ABEM - Natal - 2002. RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte CCHLA - DEART - Escola de Música, 2002, p. 553-560.
- RAMALHO, Elba B. Aspectos Culturais da Educação Musical no Brasil: A Cantoria Nordestina - Uma Prática Educativa. Anais do XII Encontro Anual da ANPPOM - 500 anos de Música no Brasil. Salvador: Bahia, Fundação Luís Eduardo Magalhães, 24 a 26 de outubro de 1999. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/CONFEREN/ERAMALHO.PDF> Acesso em: 02 set. 2008.

- RAMOS, Sílvia N. Música na Televisão: Uma Instância Formadora de Hábitos Musicais de Crianças. Anais do XI Encontro Anual da ABEM, de 08 a 11 de outubro de 2002, Natal, Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. CCHLA - DEART - Escola de Música. CD-ROM, p. 634-641.
- RAMOS, A. C. & MARINO, G. A Imitação Como Prática Pedagógica na Aprendizagem Instrumental. Anais do XI Encontro Anual da ABEM. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte CCHLA - DEART - Escola de Música, 2002, p. 34-41.
- RIOS, Marialva. Educação Musical Informal e Suas Formalidades. Anais do IV Encontro Anual da ABEM. Goiânia, 1995, p. 67-72.
- ROSA, Jaqueline. "Boi de mamão da Barra do Aririú: Um Estudo de Caso" - Um Estudo sobre a Construção e os Sentidos das Práticas Musicais do Grupo de Boi de Mamão Filhos da Terra. Anais do XI Encontro Anual da ABEM, de 08 a 11 de outubro de 2002, Natal, Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. CCHLA - DEART - Escola de Música. CD-ROM, p. 298-304.
- SANTOS, Regina M. S. Aprendizagem Musical Não-Formal em Grupo Culturais Diversos. Cadernos de Estudo Educação Musical, n. 2/3. SP: Atravez Associação Artístico Cultural, 2011. Disponível em: <http://www.atravez.org.br/ceem_2_3/aprendizagem_musical.htm>. Acesso em: 03 mai. 2012.
- SILVA, Heloisa H. Cultura dos Fãs e Música da Mídia: Uma Questão de Gênero? Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004. CD-Rom. p. 420-425.
- SILVA, Helena L. Música no Espaço Escolar e a Construção da Identidade de Gênero: Um Estudo de Caso. Revista OPUS, n. 8, fevereiro/2002. Disponível em: <http://anppom.com.br/opus/opus8/sumario_op8.htm> Acesso em: 03/08/2008.
- SOUZA, Jusamara. Música, Cotidiano e Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- SOUZA, Jusamara et. all. (b) O Que Faz a Música na Escola? Concepções e Vivências de Professores do Ensino Fundamental. Série Estudos, n. 6. Porto Alegre: UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Música. Núcleo de Estudos Avançados, novembro de 2002.
- SUBTIL, Maria J. D. Mídias e Produção do Gosto Musical em Crianças da Quarta Série do Ensino Fundamental. 26ª Reunião Anual da ANPED "Novo Governo. Novas Políticas?" Minas Gerais. Poços de Caldas, de 05 a 08 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

- SUBTIL, Maria J. D. Mídia, Gosto Musical e a Construção Social da Noção de Infância. Anais do I Encontro Nacional de Cognição e Artes Musicais. DOTTORI, M. & ILARI, B. (Eds.). Curitiba: Deartes - UFPR, 2006a, p. 165-171.
- SUBTIL, Maria J. D. Música Midiática & o Gosto Musical das Crianças. Ponta Grossa: Editora UFGP: 2006.
- TOURINHO, Cristiana. A Educação Musical e a Música de Massa. Revista da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. UFBA/CNPq, dez/95, pp. 143-146.
- TOURINHO, Wladimir M. A programação Infantil e a Veiculação de Estereótipos Musicais. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. RJ: UFRJ, 18 a 22/10/2004. CD-Rom. p. 1106-1113.
- VIEIRA, Edna A. C.; VIEIRA, Alice; LEÃO, Eliane. O Papel do Fazer Musical No Ensino Regular. Música Hodie. Revista do Programa de Pós-Graduação e Mestrado em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Vol. 4, n. 2, ano 2004, p. 39-51.